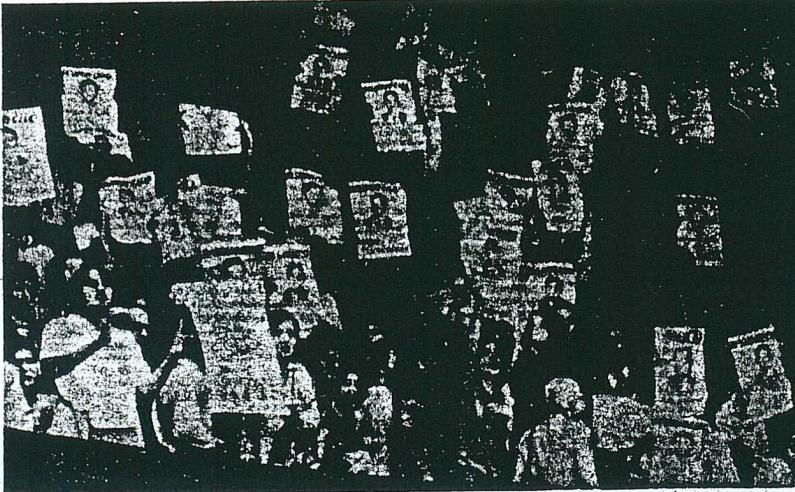


"Eu encontrei meu marido desaparecido. Ele está morto"



Familiares mostram os retratos de seus desaparecidos

Nas ambientações, onde aconteceram várias "encontros", o Congresso discutiu, ontem, o projeto de lei de anistia. Entretanto, os fatos paralelos às discussões em Plenário chamaram a atenção dos jornalistas. Já no início das discussões, foi denunciado que centenas de militares da FAB estavam nas galerias, tomando os lugares das famílias de presos políticos ou integrantes de organizações que lutam por uma anistia ampla, geral e irrestrita. Efectivamente, podia-se ver, nas galerias, centenas de jovens com idade entre 18 e 20 anos, com os cabelos cortados à "tipica militante". A pressuposta intenção valer os argumentos favoráveis à anistia ampla, geral e irrestrita e apoiando as reivindicações favoráveis ao projeto do Governo. Houve provocações com frases "lugar de comunista é morto ou na catedral", mas nem um incidente maior registrou-se até o meio da tarde.

Enquanto isso, milhares de pessoas portando cartazes e fotos com a frase "família de preso político" percorriam os corredores do Congresso, distribuindo cartazes e denúncias. Uma das manifestantes, Suzana Lisboa, de Porto Alegre, tinha uma carta onde se lia: "eu encontrei meu marido desaparecido. Ele está morto".

O marido de Suzana era o estudante gaúcho, Luis Eurico Tejera Lisboa, desaparecido desde 72, quando foi preso. O último contato com a família indicava que Luis Eurico estava residindo em São Paulo. Sua mãe também se encontrava em Brasília. Celly Lisboa, juntamente com Suzana, está com carta documentação, através da qual tenta provar que o jovem foi morto e enterrado sob o nome falso de Nelson. As duas também têm outros documentos que afirmam existir mais "desaparecidos políticos" enterrados no Cemitério de Perus, em São Paulo.

Suzana, várias as cenas chocantes, principalmente de maes de jovens desaparecidos, que procuravam junto a integrantes do CBA (Comitê Brasileiro pela Anistia) informações sobre seus filhos.

Um jovem distribuiu uma carta aberta ao Presidente da República, explicando que a sua luta é para que sejam esclarecidos os casos de desaparecimento e os autores de torturas, ou assassinato de presos políticos, sejam punidos judicialmente.

Em setembro de 1972, a última notícia de Luiz Eurico

Demonstrando muito cansado, quase sem voz e com os olhos completamente congestionados, Suzana Lisboa reuniu-se com um grupo de repórteres para contar como conseguira localizar o corpo do seu marido. Ela contou que, em 1972, quando só tinha 18 anos, veio ao Brasil de dentro de uma porta-vôz simbólica de 74 famílias brasileiras que são parentes da mais nova figura introduzida no debate nacional, a partir do processo de abertura e desaparecimento político. Estes desaparecidos são pessoas, geralmente com militância política, cujos familiares perderam contato após prisões ou simples desaparecimentos.

Assim aconteceu com Luis Eurico Tejera Lisboa, um jovem de 24 anos que, em 1972, militava na ANL (Ação de Libertação Nacional), uma agremiação que levava a cabo uma ação armada e terrorista, e teve papel ativo na estratégia política. A história é misteriosa: chama de lances e despolamentos. Para reunir-las Suzana e seu advogado Luiz Eduardo Greenhalgh correm atrás de provas. Elas vieram de lances. Muitos pontos obscuros foram sendo esclarecidos. Agora, Suzana tem absoluta certeza de que Nelson Bueno, enterrado no Cemitério de Perus, é seu marido. Conta Suzana:

- Luis Eurico desapareceu na primeira semana de setembro de 1972. Ele viajou para São Paulo em função de um trabalho que ele tinha lá. O dia anterior desse dia, mas nunca mais foi visto no Rio Grande do Sul. A partir desse dia tentando localizá-lo de alguma forma, mas isso nunca foi possível. A prisão dele não foi assumida por nenhum órgão de Segurança e ele, simplesmente nunca foi encontrado.

Foto: G. L. / O Globo

Suzana entregou um documento chamado, "Eis Aqui o Paradeiro de Dois Desaparecidos". O documento conta sua história para encontrar seu marido, o que culminou com os fatos que estão sendo denunciados agora.

NOTA DOS FAMILIARES

"A extensão da violência empregada a partir de 1964 no combate aos opositores do regime militar, entre outras coisas, determinou que os combatentes, familiares de presos políticos, moradores e / ou "desaparecidos", pelos presos políticos sobreviventes desse período, pelas entidades amparadas na luta por uma anistia ampla, geral e irrestrita e pelos setores mais representativos da sociedade brasileira.

Entretanto, os limites dessa violência são ainda desconhecidos. O somatório dos dados já obtidos, e amplamente divulgados, nos fornecem um quadro assombroso e assombroso é um adjetivo pouco qualitativamente significativo para os novos fatos que hoje apresentamos.

A constatação de familiares formou-se que esse naturalmente não poucos fomos nos encontrando naturalmente aqueles que tinham tomado, ou "desaparecido" nos pôrões dos órgãos de repressão política. E, os poucos fomos crescendo a nos unindo. O primeiro Congresso Nacional das Entidades de Anistia, realizado em São Paulo, em novembro de 1971, é um marco fundamental da nossa luta.

A partir de nossas atividades se dinamizaram, tornaram-se orgânicas. Foi possível, através de denúncias então realizadas, termos um quadro geral mais amplo da violência empreendida. E foi possível, sistematizar essas denúncias. Assim, logo após o congresso, foi impresso um cartaz com fotos de 28 dos hoje 74 desaparecidos.

Nosso trabalho de denúncias se intensificou para estes casos, e pedida em que elas demonstravam claramente o alcance de terror repressivo. O Governo além de prender arbitrariamente, torturar e assassinar seus opositores, criando na maior parte das vezes versões escabrosas de fugas, estropelamentos e suicídios, para encobrir os assassinatos sob tortura, criou um novo conceito de vida, o de não estar vivo nem morto. São estes os nossos "desaparecidos". Militantes políticos, que temos a certeza de foram feitos prisioneiros pelos órgãos de repressão, que estas prisões tenham jamais sido assimiladas. Paradeiro ignorada — está a justificativa do Governo para encobrir os assassinatos sob tortura.

Na busca dos desaparecidos, entre outras ações os familiares juntamente com Dom Paulo Evaristo Arns, professor Claudio Mendes, foram recebidos pelo general Godoy do Couto e Silva, em 1974, o qual se comprometeu a fornecer informações sobre os "desaparecidos". Até hoje esperamos tal resposta.

Em 1975, nota oficial divulgada pelo ministro da Justiça, Armando Falcao, relacionava 26 casos de supostos "desaparecidos", dentre estes constavam algumas pessoas já mortas desaparecidas, e os restantes realmente "desaparecidos" eram mais uma vez dados como foragidos.

Em 22 de dezembro de 1976, foi publicado no Gabinete Civil da Presidência da República, sob número 9064/76, documento solicitando esclarecimentos sobre 54 presos políticos "desaparecidos". Em 1º de março de 1979 foi solicitada resposta a tal documento. A resposta ainda não foi dada.

Em julho de 1978, familiares de combatentes da Guerrilha do Araguaia, deram entrada em uma interpeleção ao Presidente da República, em sua condição de chefe supremo das Forças Armadas, onde responsabilizavam a União, em 72 e 75, naquela região do sul do País. Tal interpeleção foi indeferida e se encontra em fase de apelação.

A parte de informações recebidas pelo comitê de familiares, foi possível apurá-la que, durante esses anos de repressão e combate, vários métodos de abordamento dos crimes cometidos pelos órgãos de repressão eram utilizados. Entre esses métodos podemos citar:

— Que opositores políticos assassinados pelo regime foram enterrados com nomes falsos, apesar de suas mortes terem sido divulgadas em notas oficiais com suas verdadeiras identidades.

Assim foram enterrados Alex de Paula Xavier Ferreira, como João Maria de Freitas; Flávio de Carvalho Molina, como Álvaro Lopes Peralta; Sônia Maria Lopes Moraes, como Esmeralda Siqueira de Aguiar, entre outros.

— Que opositores políticos, tidos como foragidos pelos órgãos de repressão e relacionados com os

A comissão de parentes de presos mortos ou desaparecidos via "abrir processo" contra a União, responsabilizando-a por ocultação de cadáver sob falsa identidade, de acordo com dados levantados que provam, segundo seus representantes, o falseamento de nomes de dois presos políticos "desaparecidos" enterrados no cemitério Dom Bosco, em Perus (SP). A informação foi prestada por membros da comissão que vieram a Brasília acompanhar a votação do projeto de anistia.

Foram identificados Denis Antônio Casemiro, desaparecido em abril de 71 e Luis Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72. Ambos constam no registro de mortos enterrados no cemitério Dom Bosco, o primeiro sob o nome de Denis Casemiro, com idade alterada; o segundo sob nome de Nelson Bueno.

A comissão de parentes de desaparecidos informou, ainda, que há mais três casos de identidades alteradas: Alex de Paula Xavier Ferreira, como João Maria de Freitas; Flávio de Carvalho Molina como Álvaro Lopes Peralta, e Sônia Maria Lopes Moraes como Esmeralda Siqueira de Aguiar. A identificação foi feita por membros da comissão através de depoimentos e reconhecimento por fotografias.

"desaparecidos" foram enterrados sob falsas identidades ou com seus nomes adulterados e dados pessoais falsificados. Os casos encontrados foram:

Denis Antônio Casemiro, desaparecido em abril de 71 — consta do registro de mortos, enterrado no Cemitério Dom Bosco, em Perus, como Denis Casemiro e idade de aproximadamente 40 anos; outros dados desconhecidos, embora sua idade fosse de 23 anos e no atestado de óbito constem todos os dados pessoais corretos.

Luis Eurico Tejera Lisboa, desaparecido em setembro de 72 — consta do registro de mortos no Cemitério Dom Bosco, com o nome de Nelson Bueno. Além disso a versão constata é de que Luis Eurico se suicidou na mesma penitência que ele morava.

Os depoimentos são contraditórios e induzem a suspeita de que Luis Eurico não se suicidou, mas sim foi assassinado e não se suicidou, mesmo a versão de todos até o momento. Com os dados recolhidos até agora estão abertos processos que reconstituam as identidades adulteradas, responsabilizando a União por ocultação premeditada da legítima identidade dos mortos pela repressão política. Serão também abertos processos que elucidem os desaparecimentos, responsabilizando a União por ocultação da cadáver sobre falsa identidade.

Enquanto o projeto de anistia proposto pelo Governo tenta sepultar nossa luta de anos pela elucidação dos fatos e busca dos responsáveis pelo "desaparecimento" de nossos familiares com a proposta de atestado de morte presumida, trazemos o público o verdadeiro fim dado a dois dos nossos desaparecidos. Desmascarando assim, a clara intenção do Governo em ocultar os fatos:

Exigimos a Elucidação dos "Desaparecimentos".

Exigimos a Responsabilização Judicial pelas Mortes Ocridas.

Exigimos o Fim do Aparato Repressivo.

Por uma Anistia Amplia, Geral e Irrestrita".

O outro documento, assinado pela Frente Nacional do Trabalho, pede igualmente a anistia ampla e irrestrita, embora esclareça que não concorda com os meios empregados por alguns órgãos, que foram classificados de terroristas e excluídos do projeto governamental.

parescidos estariam enterrados, provavelmente no cemitério com a identidade trocada. Nós também sabemos que existem outros cemitérios que enterravam indigenas em São Paulo e em Perus e Lagesado a partir de 70. Antes o Cemitério de Vilas Formosa também enterrava.

Com estes dados Suzana ampliou sua investigação. Mas, no cemitério de Lagesado a situação é crítica, já recebeu a informação de que os arqueiros haviam sido queimados em 1978. Contam que ladrões invadiram a administração e não encontrando nada de valor para roubar, resolveram pôr fogo no prédio. Suzana mudou as investigações para o cemitério Dom Bosco, em Perus, onde encarou o arquivista, que disse que o cemitério de Lagesado não havia se hospedado e seu corpo enterrado. Nesta penitência, localizada na Rua Coelho Furtado, 1971, Suzana se apresentou como mulher de Nelson, e curiu as versões dos moradores e proprietários sobre o suicídio de seu marido.

"Estas versões são contraditórias," diz Suzana.

"Nós não conseguimos, por exemplo, o boletim de ocorrência. No IML não conseguimos fazer a reconstituição da identidade para retirar os ossos de Luis Eurico do cemitério. Não tive acesso a ela. Não consegui fazer a identificação. Na penitência, as versões eram ainda mais contraditórias. As pessoas disseram que o policial, quando levava o corpo, afirmavam que ele era um terrorista. Se assim disseram, então sabiam o seu nome. Luis Eurico já havia sido preso e fora condenado. Ele estava mais do que identificado".

Suzana ainda não conseguiu provas para afir-

mar que outros presos políticos, ou desaparecidos, estavam no mesmo cemitério, ou se acredita que os estavam. Só está fechando. "Só 74 desaparecidos, depois nós conseguimos localizar". Agora ela pretende entrar com um processo para conseguir reconstruir a identidade de Nelson Bueno, provando que ele era realmente Luis Eurico e esclarecer as circunstâncias da morte dele. Depois ela pretende punir os responsáveis por sua morte, uma vez que não crê nas versões do suicídio, acionando a União.

Mas a pergunta que se impõe é de como Suzana tem tanta certeza de que não houve suicídio. Ela dá a sua versão:

— A história que eu ouvi, indica que Luis Eurico havia chegado a uns cinco dias na penitência e que se mostrava muito calmo, sem sair muito de casa. Num domingo, pela manhã, uma pessoa que morava no quarto ao lado, diz ter visto Luis Eurico cortando a barba. Pela madrugada de segunda-feira, essa pessoa acordou com um estampido. Na manhã seguinte, falou com a dona da pensão, contando o que havia se passado. Esperaram até o meio da tarde e resolvem olhar pela janela e virar o corpo de meu marido. Ai conseguiram reconstruir o que havia acontecido. As pessoas disseram que eram amigos que foram três disparos. Dois tiros foram contra a parede e o terceiro no orelho. Qualquer pessoa que pretende se suicidar não vai ficar dando tiros para o alto. Os depoimentos confirmam que ficaram marcas das balas na parede e em um armário.

— E o que?

<p

Jornal do Brasil

28/08/1979

Folha no: 60
Processo: 265095102
Visto:

fome no 32º dia

Mulher denuncia que estudante desaparecido está enterrado em SP

Brasília — Há quase sete anos, em fins de agosto de 1972, Luiz Eurico Tejera Lisboa, gaúcho, 24 anos, líder estudantil, viajou de Porto Alegre a São Paulo com previsão para voltar em 10 dias e desapareceu. Ontem sua mulher Suzana denunciou que ele está enterrado com falsa identidade — Nelson Bueno — no cemitério de indígenas Dom Bosco, em Perus, São Paulo.

Até hoje nenhum órgão de segurança assumiu a responsabilidade pela prisão de Luiz Eurico, e as tentativas anteriores de localizá-lo resultaram em nada. A partir da divulgação do cartaz de desaparecidos, sua mulher recebeu uma carta anônima informando que ele usava o nome de Nelson Bueno. Uma investigação da família descobriu sua morte e a falsidade da versão de suicídio na pensão em que morava.

VERSÃO

Suzana chegou ao cemitério de Perus praticamente por associação de idéias. Informada de outros presos políticos mortos e enterrados com nomes falsos — inclusive Denis Antônio Casmiro, enterrado em Perus — e que este cemitério era um dos dois únicos que enterravam indígenses, ela procurou a sepultura de Nelson Bueno. Lá constava o registro do enterro, e o endereço — uma pensão na Rua Conselheiro Furtado, 1.071. Suzana foi ao local, onde confirmou, através de fotografias reconhecidas por testemunhas, a identidade de Luiz Eurico como Nelson Bueno.

Confirmou-se sua chegada na pensão dia 29 de agosto, "um rapaz calmo e que não saia de casa". "No domingo de manhã" — segundo depoimento de seu vizinho de quarto, "ele estava fazendo a barba quando entrou no banheiro e por isso fixei a fisionomia dele". Na madrugada do mesmo dia, o mesmo vizinho escutou tiros, mas, como não conseguiu ouvir mais nada, foi dormir.

No manhã seguinte, este vizinho contou o que ouvira à dona da pensão, e como Nelson Bueno não aparecesse até o meio-dia, ela mandou que alguns rapazes espissem pela janela basculante da sacada, onde era possível subir pelos fundos do prédio. Eles olharam, viram o corpo e chamaram a polícia. Os policiais referiram-se ao morto como terrorista conhecido, que possuía mais duas identidades, e ele foi enterrado em Perus.

Segundo Suzana, existem contradições que a impedem de aceitar a versão do suicídio. A primeira delas é de que alguns dizem ter ouvido um tiro, enquanto outros afirmam que foram três disparos, o que foi confirmado pela dona da pensão, que informou ter mandado rebocar uma parede e consertar um armário, onde teriam chegado duas balas. Suzana questiona, então, se uma pessoa que desejassem se suicidar daria, primeiro, dois tiros a esmo para depois se matar.

Outra contradição parte do depoimento de uma moradora da pensão que, tendo entrado no banheiro após a polícia retirar o corpo, encontrou-o completamente sujo de sangue. A polícia teria afirmado, na

lá a sanção
stituti-
do Na-

es da
oram
a aos
atos
vi-
la

rin-
ier
nas
pá-
na,
ao
da
ois

OR

pensão, que lavara o corpo de Nelson (Luiz Eurico) no banheiro, antes de deslocá-lo. Isso contraria o procedimento normal da polícia técnica e, por outro lado, frisa Suzana, teria sido impossível, pois mais de meio dia depois da morte, o sangue já estaria coagulado.

Ainda outro fato estranho, segundo Suzana, envolve a morte de Luiz Eurico. Além das inúmeras barreiras encontradas ao longo da investigação, telefone mas anônimos e ameaçados — até mesmo um simulando ser Luiz Eurico — o boletim de ocorrência desapareceu. Na 5ª Delegacia Policial de São Paulo, que atendeu ao caso, alega-se que, decorridos cinco nos, o boletim foi queimado, o que também não faz parte do procedimento normal da polícia.

O boletim de ocorrência é o único documento que pode provar como Luiz Eurico morreu e confirmar definitivamente sua identidade verdadeira, através da ficha datiloscópica. A partir dessa dificuldade para conseguir a ficha, Suzana levanta outra dúvida: "Se o Instituto Médico Legal não possui a fotografia de Neison, alegando que essa exigência só se aplica a desconhecidos, se a própria polícia afirmou conhecê-lo — e mais duas identidades suas — como terrorista, como o enterrou como Nelson Bueno?"

Para ela, esses fatos confirmam a intenção de ocultar o ocorrido, e por isso pretendente entrar com um processo de reconstrução de identidade a fim de posteriormente pedir esclarecimentos sobre as circunstâncias de sua morte e processar a União por ocultação de cadáver e possível assassinato.

Suzana critica o projeto de anistia do Governo alegando que fato de se poder, após um ano, requerer atestado de morte presumida, é uma forma de resolver um problema jurídico, mas não de esclarecer o que aconteceu realmente e assumir a responsabilidade judicial correspondente. Luiz Eurico foi condenado, por atividades na política estudantil, à prisão por seis meses, mas não cumpriu pena, refugiando-se no Uruguai. Segundo sua mulher, nunca participou de atos violentos, e, embora Frei Betto o tenha relacionado com a organização armada ALN, nunca houve provas efetivas de sua participação.

STE

Deck Collar, C
o, Memória, Auto-
por fone, Equaliz-
ação e Reprodu-
separa

6.53

2.60
5.80
3.39
5.26
17.04
2.49
22.14

Folha S. Paulo - 23/08/1978 Folhas no.: 61
Processo: 265095102
Vista

Folhas no.: 61

Processo: 265095-09

Visto:

do esso
Ribeiro
deres do
5 em 69.
dendo o
peremprio
para
do Rio.
a a isso
tar, pois
do mais
punição

tário do S. M. general Ieri Constante Beviláqua, a anistia ontem aprovada pelo Congresso "não tem a abrangência reclamada pela consciência nacional, pelas mais vivas forças da Nação" mas "inegavelmente representa um passo no sentido da reconciliação, hoje o principal problema político do Brasil". O general considerou errada a manutenção no substitutivo aprovado, da exigência do requerimento para o retorno do anistiado ao serviço público, civil e militar, pois essa reversão, pelo espírito histórico da anistia, deveria ser automática e independente de solicitações.

No seu entendimento, a anistia aprovada alcança os torturadores e os autores de violências e atos arbitrários, "inclusivo na figura dos crimes conexos" preservada do projeto governamental no substitutivo do deputado Enerlei Sátiro, relator da Comissão Mista do Congresso.

Depois de invocar o Duque de Caxias, "que jamais concebeu uma anistia restrita, como aconteceu no Maranhão, na Balaiada", Peri Bevílaqua considerou a anistia de agora "um ato positivo de política, de reparação de injustiças que sempre são uma semelteira de ódios".
"Embora não seja a solução definitiva, é

"Embora não seja a desejada pela consciência democrática e humanística brasileira, é um passo no sentido de produzir efeitos favoráveis à necessária conciliação nacional", dizendo acreditar que poucos não serão beneficiados pela anistia.

A exclusão dessas pessoas é lamentada pelo ministro aposentado do STM que, entretanto, admite reparação da falha pelo prometido indulto do presidente Figueiredo, no Natal, aos prisioneiros por crimes políticos. "Essa não é português, a aposta ideológica

Essa não é, portanto, a amnistia ideal e necessária à conciliação nacional, porém a vejo como passo nessa direção", comentou, destacando que "muitas injustiças foram cometidas pela violência do A1-5, o maior erro político em toda a história da República brasileira".

Localizados corpos

de 2 desaparecidos

de 2 desaparecidos

A descoberta recente de dois corpos — Denis Antonio Casemiro e Luiz Eurico Lisboa — tidos como desaparecidos, no cemitério de Perus em São Paulo, foi anunciada ontem, logo após a votação do projeto da anistia, pelos seus familiares.

segundo, Rosana Lisboa, após ela ter obtido a informação de que seu marido também usava o nome de Nelson Bueno, conseguiu localizar, no cemitério d. Bosco, de Perus, um morto com o mesmo nome e cujas informações pessoais do atestado de óbito coincidiam com as de Luiz Eurico Lisboa. Além disso, o registro do Instituto Médico Legal acrescentava como "causa mortis" hemorragia cerebral traumática e apontava o registro da ocorrência de suicídio na 5.a delegacia. O registro da ocorrência não foi encontrado nessa delegacia e, segundo seu titular, são incineradas todas essas ocorrências com mais de cinco anos.

Na pensão indicada pelo ML, como o local onde ocorreu o suicídio, todos reconheceram a fotografia de Luiz Eurico Lisboa, identificando-o como Nelson Bueno. Informaram também da existência de sangue no banheiro do hospede, em data posterior à constante no atestado de óbito. Pela conclusão da viúva, a morte de Luiz Eurico ocorreu na mesma semana do seu desaparecimento.

Em razão das informações contraditórias quanto ao suicídio, a viúva Suzana Lisboa pretende entrar com ação judicial para reconstrução da identidade de Luiz Eurico; processar a União por ocultação de cadáver; abrir inquérito para esclarecer as circunstâncias da morte e, depois, responsabilizar judicialmente os assassinos.

O noticiário sobre a fuga do preso político Teodomiro Ro-
meiro dos Santos está na página 10.

SEQUELAS De acuerdo con los medios que usó el sistema, durante ese período se observaron más lesiones estériles en las uñas de los dedos de las manos y en las uñas de los pies. Los signos y síntomas de la enfermedad fueron más graves que los de los casos nos últimos días y no se casas se observaron en el resto de los casos. Anterior para superar estos trastornos se tardó de tres a seis meses.

Algunos pacientes presentan problemas de salud que se resumen a continuación:

- Problemas de vista: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para leer y escribir. Algunos necesitan lentes o gafas para ver claramente.
- Problemas de audición: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para escuchar y entender lo que dicen las personas que les hablan.
- Problemas de respiración: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para respirar y pueden sentirse agotados o cansados.
- Problemas de digestión: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para digerir la comida y pueden sentirse mareados o náuseas.
- Problemas de movimiento: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para moverse y pueden sentirse débiles o fatigados.
- Problemas de sueño: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para dormir bien y pueden sentirse somnolientos o cansados.
- Problemas de concentración: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para concentrarse y pueden sentirse desorientados o confundidos.
- Problemas de memoria: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para recordar cosas y pueden sentirse olvidadizos o forgetivos.
- Problemas de salud mental: Los pacientes que padecen de este problema tienen dificultades para manejar sus emociones y pueden sentirse ansiosos, depresivos o tristes.

Algunos pacientes también presentan problemas de salud mentales, como depresión, ansiedad o tristeza. Estos problemas de salud mental son más comunes entre los pacientes que padecen de la enfermedad.

Los tratamientos para la enfermedad varían dependiendo del tipo de problema que el paciente tiene. Los tratamientos más comunes incluyen terapias cognitivo-comportamentales, terapias de grupo y terapias individuales. Los tratamientos farmacológicos también se utilizan en algunos casos.

Es importante recordar que la enfermedad es crónica y requiere un tratamiento a largo plazo. Los pacientes deben seguir las indicaciones de su médico y no dejar de tomar sus medicamentos sin consultar con él. Los pacientes deben evitar el estrés y mantener una vida saludable, incluyendo una dieta equilibrada y ejercicio regular.

En conclusión, la enfermedad es una condición que afecta a la salud mental y física de los pacientes. Los tratamientos disponibles son efectivos para controlar los síntomas y mejorar la calidad de vida de los pacientes. Es importante que los pacientes busquen atención médica temprana y sigan las indicaciones de su médico para controlar la enfermedad.

ME no 32.

Criticas as res

FOLHA DE S.

Finalmente, com o pedido do major Oliveira de uma tropa de choque da PM, os manifestantes resolveram se dispersar e tentar o ato público em outra oportunidade.

Continua

a greve de fome

Não é bom o estado de saúde dos 14 presos políticos em greve de fome há mais de um mês, no Rio de Janeiro. Todos sentem os efeitos da taquicardia e estão sujeitos ao contágio de doenças, devido à debilidade de seus organismos. Segundo a coordenadoria médica do Departamento Penitenciário, os presos Nelson Rodrigues Filho, Jesus Paredes Souto e Gilney Amorim Viana são os que se encontram em situação de greve. Todos os 14 falam pouco e evitam falar. Eles estão com aceleração exagerada do coração (taquicardia) e urinam muito escuro, eliminando parte gorda dos Médicos do Rio de Janeiro, há possibilidade de um desequilíbrio eletrólico com parada cardíaca, de uma hora para outra.

O preso Antônio Pereira Matos desmaiou e foi atendido às pressas no hospital. Mesmo assim, os 14 mantêm seu propósito inicial de ficar sem comer até a votação do projeto de anistia no Congresso Nacional, o que deverá acontecer hoje.

O juiz Helmo Sussekind encerrou ontem seu expediente na 3ª Auditoria do Exército, assinando os despachos de adequação das penas de Nelson Rodrigues Filho, Paulo Roberto Jobur, Alex Polari, José Roberto Gonçalves de Resende e Ires Etiene Ribeiro, condenados a doze anos de prisão, os dois primeiros e a 30 anos, os demais, por terem participado do sequestro do embarcador Henrique Bucher, da Sulca, na cidade do Rio de Janeiro. O magistrado reduziu as penas de Nelson Rodrigues Filho e de Paulinho Roberto Jobur de 12 para dois anos e de Alex Polari, José Roberto e Inés de 30 para oito anos de prisão.

Os presos políticos de Pernambuco, que completaram ontem 24 dias de greve de fome, estão em más condições físicas, inclusive os que apareciam estar tolerando bem a falta de alimentação. Em Juiz de Fora (Minas Gerais), cinco estudantes foram presos pela Polícia Federal por estarem pichando os muros do centro daquela cidade com dizeres "Anistia" e "Terrorista".

O presidente da Aeronautica Walter Lima, quando era

Gáucho desaparecido é encontrado morto

A localização de dois desaparecidos — o gaúcho Luis Eurico Lisboa e Dênis Antônio Casemiro — no cemitério de Perus, São Paulo, onde foram enterrados como indigenotes, foi comunicada ontem ao cardeal Dom Paulo Evaristo Arns pelo advogado Luis Eduardo Greenhalg, informando que a denúncia será feita ao Congresso Nacional em Brasília pelos familiares de Luis Eurico. Observou que todos os dados da denúncia estavam com a mulher de Luis Eurico, Suzana, que viajou ontem para Brasília.

O advogado Greenhalg afirmou que Luis Eurico foi sepultado com o nome de "Nelson Bueno", fato que foi comunicado à sua família por uma pessoa (cujo nome não foi relevado), que o reconheceu através das fotografias dos desaparecidos divulgadas pelo Comitê Brasileiro pela Anistia.

O advogado Greenhalg afirmou que Luis Eurico foi sepultado com o nome de "Nelson Bueno", fato que foi comunicado à sua família por uma pessoa (cujo nome não foi relevado), que o reconheceu através das fotografias dos desaparecidos divulgadas pelo Comitê Brasileiro pela Anistia.

Não quis fazer nenhum comentário a respeito das circunstâncias em que ocorreram a morte de Teodomiro Lemos de Brito, em Salvador, quando que "a guarda de prisioneiros está confiada a presidiários estaduais".

Tudo é estranho, diz mulher de Teodomiro

A mulher do preso político Teodomiro Lemos de Santos, Maria da Conceição Gontijo de Lacerda, disse ontem, em Belo Horizonte, que o Governo brasileiro continua respondo pelo integralista falso de seu marido, enquanto permanecer incomunicável o preso político Haroldo Borges da Conceição, que teria revelado a fuga de Teodomiro da penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, numa carta que ela supõe possa ter sido escrita sob coação.

Ela não acredita que Teodomiro teria embarcado para Paris ou mesmo desembarcado em Lisboa, "até receber um aviso pessoal dele". Maria da Conceição embarcou para Brasília, onde assistiu, no Tribunal Militar, ao julgamento do condenado sobre liberdade condicional para Teodomiro, condenado a 16 anos, seis meses e 25 dias.

"As autoridades ainda não explicaram como a carta de Haroldo Borges saiu da prisão, quem telefonou às redações dos jornais e deu todos os outros detalhes que envolveram o seu desaparecimento da prisão Lemos de Brito", disse Maria da Conceição.

Ela acha "estranho" que Teodomiro tenha resolvido fugir de prisão às vésperas do julgamento do recuso, que completaram ontem 24 dias de greve de fome, estão em más condições físicas, inclusive os que apareciam estar tolerando bem a falta de alimentação. Em Juiz de Fora (Minas Gerais), cinco estudantes foram presos pela Polícia Federal por estarem pichando os muros do centro daquela cidade com dizeres "Anistia" e "Terrorista".

O presidente da Aeronautica Walter Lima, quando era

Cerca de cem membros do Comitê pela Libertação dos Presos Políticos de Itamaracá (Pernambuco) realizaram ontem, pouco depois do meio-dia, uma série de comícios-relação no centro comercial de Brasília, pedindo a anistia ampla e irrestrita. Enquanto isso, dos prédios próximos foram jogados panfletos — assinados por um até então desconhecido "Comitê Brasileiro das Vítimas do Terrorismo" — condenando a amnistia da anistia e criticando o senador Teotônio Vilhena, do MDB.

Proibidos de se reunirem por cerca de 300 policiais que ocuparam a quadra onde tinha sido marcado o ato público, os membros do Comitê pela Libertação dos Presos de Itamaracá conseguiram realizar rápidos comícios em quadras vizinhas, sem que a Polícia deles tomasse conhecimento.

O ato público vinha sendo convocado em Brasília há uma semana, não só para pedir uma anistia ampla, geral e irrestrita, como também para demonstrar solidariedade à greve dos operários da construção civil da Capital Federal. Mas, por ordem das "esferas federais", a Polícia Militar ocupou o local da concentração, impedindo qualquer manifestação.

Não se dando por vencidos, os 100 na sua maioria pertencentes à juventude estudantil Libelú (Libertadura) e também à Convergência Ista — reuniram-se em pequenos grupos para os comícios-relâmpago das quadras do setor comerçista de Brasília. Quando a Polícia se dirigiu para os comícios retrayam-se marchando "Arista Ampla e Irrestrita" e "Abaixo a Dilma" estavam empolgadas e os partidários do comitê retrayam-se marchando "Abaixo a Repressão". Mais Alô, Mais Feijão", "A Gente não tem M, ABAIXO FIGUEIREDO", "Chega de M, ria", Cantaram ainda, por duas vezes, hino nacional.

O panfleto jogado das janelas dos edifícios comerciais do centro de Brasília era assinado pelo "Comitê Brasileiro das Vítimas do Terrorismo", seção de Brasília, e perguntava à população: "Por que anistia irrestrita se ela só beneficiaria metade de banda, os carascos de nossos familiares, e as pessoas e entidades diretamente interessadas na baderna?".

GOVERNO NÃO TINHA INTERESSE NA FUGA

Entende o ministro da Comunicação Social, Said Farhat, negou com veemência em Brasília, as versões segundo as quais o Governo teria interesse na fuga do prisioneiro político Teodomiro Roneiro dos Santos. Alegou ser um "absurdo" as autoridades terem interesse nessa fuga, ou que qualquer outro prisioneiro, muito menos de um elemento que tinha um pedido de livramento condicional e estava para ser julgado nos próximos dias pelo Superior Tribunal Militar (STM).

Não quis fazer nenhum comentário a respeito das circunstâncias em que ocorreram a morte de Teodomiro Lemos de Brito, em Salvador, quando que "a guarda de prisioneiros está confiada a presidiários estaduais".

Tudo é estranho, diz mulher de Teodomiro

Por Teotônio Vilhena, que tem cópia da carta de Haroldo, e o diretor da penitenciária, Mário de Moura Conceição, mas não posso acreditar na fuga de Teodomiro sem provas concretas", afirmou ela.

Maria da Conceição levantou ainda a hipótese de que Haroldo Borges tenha escrito a carta sob coação. "Só a questão de sua incomunicabilidade poderia esclarecer todos esses aspectos e a própria integridade física de Haroldo também está sob a responsabilidade do Governo", disse.

Embora se recorde da declaração do juiz Jacy Pinheiro, STM, de que a fuga de Teodomiro não deveria influir na votação do recurso impetrado junto ao STF, Maria da Conceição está temerosa de que o julgamento se transforme em um problema maior político do que jurídico. "Existem antecedentes que mostraram arbitrariedade contra meu marido. Há meses, sua liberdade condicional foi concedida pelo juiz auditor Arnaldo Pereira Lima, com parecer favorável do promotor e votação unânime do Conselho Penitenciário. No entanto, o promotor recorreu de sua própria decisão ao STM, o que constituiu uma verdadeira aberração jurídica", declarou Maria da Conceição. Segundo ela, o juiz auditor, depois de o promotor ter decidido recorrer ao STM, declarou que não poderia se antecipar à anistia parcial do Governo que não previa. Inclusive, o perdi para aqueles que comentaram o chamado "crime de sangue", como o de Teodomiro Roneiro que, em 1970, matou o sargento da Aeronautica Walter Lima, quando era conduzido, algemado, para a prisão, acusado de atividades subversivas.

- 57 -

Folhas no.: 57
Processo: 265096102
Visto:

Zero Hora - 22/08/1979

Quinta-feira, 30 de abril de 1981

FOLHA DE S. P.

Nas exumações, uma surpresa no cemitério

O delegado Francisco Baltazar Martins, da Divisão de Crimes contra a Pessoa, do Delti, decidiu ontem abrir nova investigação para esclarecer o caso da morte do universitário Luis Eurico Tejera Lisboa, encontrado morto numa pensão do bairro da Liberdade a 3 de setembro de 1972. Tejera Lisboa era procurado pelos órgãos de segurança sob acusação de subversão. A versão oficial dá sua morte como suicídio, mas a família alega que o jovem foi morto por agentes da repressão.

O universitário foi enterrado no cemitério de Perus a 6 de setembro daquele ano com o nome de Nelson Bueno. Entretanto, sete anos mais tarde, em 1979, sua mulher, Silvana Keniger Lisboa, conseguiu apurar que Nelson Bueno e Luis Eurico, eram a mesma pessoa.

A família recorreu à Justiça e logrou a exumação da ossada do cadáver, a 13 de fevereiro de 1981. Ficou então provado que o estudante fora realmente enterrado com o nome de Nelson Bueno, mas não se conseguiu provar que a ossada era de Tejera Lisboa.

COMPLICA-SE O CASO

Ao se proceder nova exumação ontem, por ordem do promotor Rubens Marchi, o delegado Martins recebeu um telex do legista Harry Shibata, que confrontava com o registro do cemitério, sobre a data do enterro do universitário. O telex de Shibata trazia uma relação de número e nomes de quatro cadáveres enterrados em Perus no dia 6 de setembro de 1972. Acrescentava que o de número 4575 era o de Antônio Mariano dos Santos. Entretanto, um documento do Instituto Médico Legal, em mãos do delegado Martins, registra o enterro de Antônio Mariano com data de 8 de setembro de 72. E o corpo fora requisitado por seu irmão, José Mariano dos Santos.

Baltazar Martins concluiu então que qualquer um dos quatro cadáveres enterrados a 6 de setembro, de acordo com a informação de Shibata, poderia ser de Tejera Lisboa, inclusive a cova 4575, de Antônio Mariano.

O delegado Martins e o promotor Marchi descobriram ainda outra irregularidade durante as exumações. Na cova 19, de acordo com o registro do cemitério, estava enterrado o menino Célio Santiago, de 13 anos. Na retirada da ossada, constatou-se que ela pertencia a um homem de "idade aparente de 40 anos".

UMA PERGUNTA
Em vista dos fatos, Bal-



O universitário morto Luis Eurico Tejera Lisboa.

tazar Martins, que pretendia esclarecer de uma vez por todas o caso de Tejera Lisboa ontem, decidiu suspender os trabalhos e tratar de solucionar antes o caso do cadáver de Antônio Mariano. "Eu quero ouvir seu irmão, José Mariano", disse. E perguntou: "Se ele retirou o corpo daqui, como indicou, por que este mesmo corpo foi enterrado aqui como indigente, dois dias depois?" (o IML dá o enterro no dia 6, o cemitério, no dia 8).

AS EXUMAÇÕES

Além do delegado Martins e do promotor Marchi, as exumações procedidas ontem foram acompanhadas pelo médico legista, Daniel Romero Munhoz e pelo perito do Instituto de Criminalística Neidy Lopes Rocha. Este foi quem constatou a irregularidade da cova 19 (o caso do menino com ossada adulta) e o legista quem comprovou que a ossada de Tejera Lisboa (ou Nelson Bueno) não era do estudante. Romero Munhoz pôde comprovar o fato porque foi ele que examinou o cadáver de Tejera Lisboa, quando o jovem foi encontrado morto em seu quarto de pensão na Liberdade (tinha, na época, 24 anos e teria hoje 33).

O crânio do cadáver exumado ontem não apresentava perfuração de bala na região temporal direita, como Munhoz constatou em 1972. Adiantou ainda que a confusão em torno do nome se deveu ao fato de, ao lado do corpo de Tejera Lisboa, ter sido encontrada uma carteira de identidade com o nome de Nelson Bueno. Tejera Lisboa vivia foragido, procurado pelos órgãos de segurança. Estava condenado a seis meses de prisão pela Auditoria Militar do Rio Grande do Sul. Foi enterrado como indigente porque ninguém reclamou o corpo de Nelson Bueno, até que sua mulher descobriu que Nelson era Tejera, que vivia clandestino numa pensão em São Paulo.

PF não tem Gudolle

Mantelli teme que CPI decida ouvir Maluf

BRASÍLIA (S) da Assembleia Januário Mante presidente da Mendes Canale projeto de res instalação na As... ando passado, ocorridos durante gração" na Fi... Paulo, em junho mentares da op...

Aprov as ofe que vi acaba da ger



LEITE
DE COCO
SOCÔCO
Vidro 200 ml
35,80



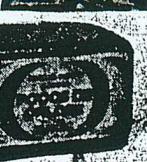
COCO
RALADO
SOCÔCO
Pacote 100g
42,50



QUEIJO PRATO
LANCHE POÇOS
DE CALDAS
Quilo **295,00**



FEIJÃ
PRET
PIRA
Pacote
98,



Folhas no.: 75
Processo: 2650562
Visto: